



8 JUNHO 1957

SEMANARIO DE CRITICA E ACTUALIDADES

PAULO BARBOSA DE MACEDO, ANTONIO JOSE DA COSTA, JOAO BARBOSA DE MACEDO, IGNACIO BARBOSA DE MACEDO, LARGO DE OLIVEIRA SALAZAR III 6213 - AMARES

Tomou posse na passada segunda-feira, o novo Conservador do Registo Predial de Braga

Na sala de sessões do Tribunal Judicial de Braga, tomou posse, na passada segunda-feira, do Cargo de Conservador do Registo Predial, o Snr. Dr. João Mota Campos, nosso muito estimado amigo.

Ao acto presidiu o Meritíssimo Juiz Valdemiro Lopes, ladeado pelos Juizes Armando Barbosa, e Francisco José Veloso, Dr. Elísio Pimenta illustre Governador Civil do Porto, António Maria Santos da Cunha, distinto Presidente da Câmara de Braga, Padre José Dias, Presidente da Câmara da Póvoa de Lanhoso, Presidentes das Câmaras de Vieira, Esposende, delegado da Ordem dos Advogados, muitos advogados de diferentes concelhos, médicos, professores, etc.

Lido o auto de posse e depois do Meritíssimo Juiz ter

felicitado o empossado, falou o Governador Civil do Porto,



Dr. Mota Campos

(Continua na 4.ª página)

Iniciam-se, na próxima quinta-feira, as imponentes e tradicionais Festas a Santo António

Sexta feira, grande Feira Franca e Concurso Pecuário. Sábado, apoteótica recepção a Sua Ex.ª Rev. ma o Snr. Bispo Auxiliar. Domingo, o dia maior.

Quinta-feira, ao romper da aurora, iniciar-se-ão as nossas tradicionais Festas a Santo António.

Quatro dias de movimento, vida e côr, a demonstrarem as possibilidades e a vitalidade de uma terra que desconhece as afrontas da inércia, do marasmo e da negligência e continua na senda brilhante que no seu futuro há-de repercutir-se.

Enquanto tudo dorme o sono criminoso de uma vaidade que custou já mais de um milhar de contos, enquanto muitos julgam que o tempo não exige sacrifício e decisão, nós vamos fazendo as nossas Festas e nelas as nossas inaugurações.

Sábado, às 11,30, junto à Caixa Agrícola, é recebido o Snr. Bispo Auxiliar

Dentro do programa, como nota grande que nos sensibiliza profundamente,

Programa das Festas

Para evitar especulações, informam-se os leitores de que o programa religioso das Festas a Santo António se encontra superiormente aprovado.

Ao contrário do que criminosamente se tem feito propalar, indo ao extremo de dizer que as mesmas se não realizam, tudo se passará de maneira a honrar a Igreja e as Festas, como é vontade de todos.

temos a visita de Sua Ex.ª Rev. ma o Snr. Bispo de Telmissus e Auxiliar de Braga, que virá benzer a Caixa de C. Agrícola, fazer o Sermão de Santo António e presidir à procissão.

As 11,30 estaremos todos

em frente da Caixa Agrícola para a recepção e às 15,30 no Largo dos Bombeiros, para lhe tributarmos a nossa gratidão por visitar a nossa Igreja e engrandecer os ac-

(Continua na 4.ª página)

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amares

Está concluído o Edifício-Sede desta Caixa.

A sua inauguração oficial está marcada para o próximo dia 15 e conforme o anunciado vai enquadrar-se no programa das festas da Vila, a Santo António.

Não nos enganamos ao afirmar que este edifício fica a ser o melhor Edifício Público do Concelho, tão pobre até neste aspecto.

É grande honra para a Direcção da Caixa, esta realização, pois é a primeira do Distrito e até do norte do País, a construir a sua sede própria, não obstante, não ser das mais antigas e o Concelho ser dos mais pequenos.

Vinte e um anos de trabalho certo e sã economia deram à Direcção actual, o prémio do esforço despendido.

Edificado no lugar mais central da Vila, que fica a engrandecer, de porte sério e grandioso, ele fica a atestar um esforço de realização, que vai desde o primeiro centavo amalhado até à última demão de tinta, na execução dum projecto que orçando 250 contos, não podiam ser gastos na

construção e terreno mais de 150 contos.

Este edifício, esta obra, no entanto, insignificante, se levarmos em conta a invisível, aquela que, em benefícios incalculáveis durante 21 anos, tanto elevou a Lavoura. Por isso, achamos oportunas algumas considerações neste momento sobre:

- 1.º O que têm sido as suas operações;
2.º O que elas representam para a Lavoura do Concelho;
3.º A sua orgânica ainda desconhecida de muitos;
4.º O que as Caixas podem fazer, estimulando o desenvolvimento da terra e o aumento do Casal Agrícola.

O que têm sido as suas operações

Concedeu esta Caixa já 4408, empréstimos por hipoteca, fiança e penhor, no montante de 30.904.000\$00.

(Continua na 5.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Os supp. tes ainda quando não fossem usurpados tinham direito a exigir como pobres o favor que lhes é garantido pelo art.º 3.º do Decreto de 30 de Maio de 1834, porem em pedirem a restituição do que é seu, parece que por direito Civil e Canonico se lhes deve fazer e então.—P. a V. Ex.ª a graça de attender as supplicas que lhe dirigem, e ser de justiça. E. R. M. ce —Bouro, em 30 de 7. bro de 1853 e trez—Seguem as assignaturas.

Copia do 2.º officio que ao Admin. or do Concelho dirigiu o Governo Civil:—Governo Civil de Braga-1.ª Repartição n.º 633—Il. mo Snr.—Sirva-se V. S. a prestar todo o auxilio de que carecer o portador deste (o P. e Capellão e Organeiro como foi dito) que vai encarregado pela Mesa do Santuario do Bom Jesus do Monte deslocar o Orgão Grande da Igreja do extinto Mosteiro de Bouro, e de o fazer conduzir para aquelle Sanctuario e bem assim dar todas as providencias para que este serviço se faça sem o menor embaraço e toda a tranquillidade convencendo os povos desse concelho não só da conveniencia do destino dado ao mesmo Orgão, que para elles estava sendo inutil, mas também da realidade das vantagens que generosamente lhes offerece a referida Mesa, e que eu me obrigo a fazer levar a efeito. Espero que V. S. a se haverá nesta diligencia com o maior zelo, prudencia e actividade como muito lhe recomendo.—Deos guarde a V. S. a Braga 5 de Outubro de 1853, O Secretario Geral servindo de Governador Civil—Francisco Manoel da Costa—Il. mo Snr. Adm. or do Concelho de S. ta Martha de Bouro.

Nota 5.ª—No dia 13 de 8. tbro de 1853, apparecerão em Bouro 13 carros mandados pelos mesários do Senhor do Monte, acompanhados de um dos Capellais do m. mo Sanctuário, e carregando os ditos carros

(Continua na 6.ª página)

Viagem Presidencial ao Brasil

II

ODIA DA RAÇA

Fizeram-se coincidir, com muita lógica, a Viagem Presidencial com o Dia da Raça, desta mesma raça que o Épico cantou; ou melhor: immortalizou, tentou divinizar com a sua insuperável eloquência e fé patriótica.

Esta evocação recorda o passado glorioso de uma nação pequena que, vendo-se debroçada sobre o mar, sonhou com a grandeza dos oceanos, de olhos no Céu, para tornar mais altos os seus sonhos e lhe aflorar me-

lhor a inspiração das realidades a que novos mundos a chamavam.

«Mais do que permitia a força humana», as caravelas portuguesas lançaram-se no esforço gigantesco de rasgar «mares nunca antes navegados»; e levando por símbolo a cruz e por defesa a espada, «dilataram a fé e o império», numa valentia que parecia milagre e numa audácia que desafiava os «deuses».

Nesse deambular maríti-

mo, nessa faina espantosa que devassou os mares e os continentes, surge, como

(Continua na 4.ª página)

Vejam as Festas!

Os majestosos festejos do Concelho de Amares, grandes como nunca!!!

# TRIBUNA AGRÍCOLA

## O problema das carnes no Minho

Gada hoteleiro deve, no seu próprio interesse e no do turismo, preparar pratos especiais que sejam o reclamo de sua casa

Por António C. Rodrigues de Azevedo

Quando o turista chega a alguma localidade afastada, procura naturalmente satisfazer as suas necessidades alimentares. Infelizmente não tem sido nos grandes hotéis que se tem apreciado as mais saborosas iguarias, porque muitos hoteleiros entendem que devem poupar na mesa, para se reembolsarem das importâncias, dispendidas nas instalações.

No entanto, se considerassem que em Braga são, de há muito, procuradas as frigideiras do Cantinho e, bem assim, o bacalhau à Narcisa, apesar de servido num tasco, do excêntrico Monte d'Arcos, junto do cemitério da cidade, reconheceriam que a boa mesa é melhor chamariz que o luxo dos aposentos, devendo envergonhar-se de, tanto nos hotéis como nas pensões, não se encontrarem especialidades culinárias, despertadoras do interesse dos visitantes.

Agora, que estão em foco os sucessos da Índia, é necessário lembrar que as determinantes do Infante D. Henrique e de D. João II tinham por objectivo arrebatar aos sectários de Mafoma o comércio das especiarias do Oriente, que se deslocou para Lisboa, depois de aberto o caminho marítimo.

Sendo essas especiarias tão procuradas pelos estrangeiros, que justificaram o cognome de Venturoso, com que D. Manuel passou à história, em virtude dos lucros extraordinários prove-

nientes do seu comércio, não se admite a pretensão de manter portuguesa esta província e se estejam despresando os atractivos, que nos oferece para nos habilitarmos a apresentar aos turistas deliciosas iguarias, ao mesmo tempo reconfortantes e grandemente lisongeadoras do paladar. Qual é o hoteleiro português que, ao menos uma vez por semana, oferece aos apreciadores o superior arrôz de frango, em tempêro de caril? Com os imensos recursos que a Índia podia prestar, como em tempos idos prestou, à cozinha portuguesa, seria possível levantá-la do baixo nível, em que infelizmente se encontra.

Outro produto, que abunda nas nossas províncias africanas, o qual se presta a diversas preparações, muito apreciadas pelos estrangeiros, pagando-o por alto preço, é o cacau, matéria prima do fabrico do chocolate. Como o pouco entre nós consumido é em grande parte artigo de importação, é intuitivo que os naturais dos países de origem gostariam que lho servissem, tanto nos pequenos almoços, como nos lunches, em vista de ser ao mesmo tempo estimulante e nutriente.

É necessário que todos, quantos directa ou indirectamente intervêm no turismo, se convençam do encanto duma excursão estar dependente da boa comida, abundante e apetitosa. Diz-se que pela boca se pesca o peixe; mas tanto os homens

## As Abelhas

Enxames naturais e enxames artificiais

Por AVLIS

(Continuação do número anterior)

Muitas vezes a rainha não sai senão quando um certo número de operários a deixaram, acontecendo até, quando está muito pesada pela quantidade de ovos contidos no abdómen, não poder voar, caindo ao chão. As abelhas apercebem-se bem depressa de que a mãe as não seguiu; então verifica-se um espectáculo de uma cena muito interessante.

As obreiras procuram com ansia a mãe perdida, dispersando-se o enxame em todas as direcções; as folhas dos arbustos próximos cobrem-se de abelhas ansiosas, tão próximas umas das outras como

como as mulheres são, como é natural, extremamente sensíveis às delícias da mesa.

Os poveiros, na sua linguagem pitoresca, dizem: quando se faz uma romaria e se vai levar a promessa, os santinhos, se a gente está com a barriga cheia, riem-se para nós; mas, se estamos com fome, fazem-nos carantonhas de meter medo. Assentemos, portanto, em que nada consegue agradar, a quem não tem o estomago reconfortado.

Os hoteleiros devem servir refeições em harmonia com as diárias, estabelecendo para serviço exclusivo dos hóspedes uma secção de pastelaria, doçaria e bar, onde possam debicar especialidades.

Nos hotéis e pensões acha-se tabelado tanto o serviço de mesa, como a ocupação dos aposentos. Ora as condições de alojamento não estão sujeitas a alterações bruscas, mas outro tanto não sucede com a alimentação. Seria portanto necessária uma assídua fiscalização, que, à semelhança da exercida sobre padarias, talhos e outros estabelecimentos, obrigasse os hoteleiros a dispensar aos seus hóspedes adequado tratamento, segundo o preço das diárias.

Assim, os hotéis com diárias superiores a 200 ou a 300\$00 receberiam da J. N. P. P. os fornecimentos de carnes directamente ou por sua indicação. Desta maneira a Junta, com a faculdade de impor bons preços, a quem pode e deve pagar bem, estava habilitada a colaborar com a lavoura no melhoramento da sua pecuária, prestando assim excelentes serviços à Nação.

as gotas de água após um agoaceiro. Se não conseguem encontrá-las voltam para a colmeia, de ordinário cinco a quinze minutos depois.

As abelhas, saídas da colmeia, elevam-se em turbilhão, assegurando-se da presença da fêmea fecunda. O vôo não é geralmente longo, principalmente o do enxame primário, que leva a fêmea mãe fecunda cheia de ovos, e portanto muito pesada.

Os enxames secundários com a fêmea virgem, sem ovos, voam, voam para muito mais longe. Quando cansadas pousam num ramo de árvore, ligando-se umas às outras pelas forquilha das patas anteriores encaixadas na das patas posteriores das que estão na fila superior, e agarrando-se ao ramo e folhas do vegetal pelas patas dianteiras; este modo de suspensão evita qualquer fractura nas delicadas membranas das asas. A forma que o enxame então apresenta é a de um cone voltado, fechado de todos os lados por abelhas, excepto no vertice, onde deixam uma pequena abertura para a saída dos insectos que se encontram pela parte de dentro.

Este enxame se não é recolhido pelo homem, vai estabelecer-se na toca de uma árvore, numa parede ou em qualquer cavidade, como seja forros de casa, ou mesmo qualquer cavidade no solo. Um homem completamente resguardado com a máscara e luvas próprias, ou mesmo sem máscara alguma, pois, geralmente, em virtude de, antes de saírem da colmeia as abelhas se terem abarrotado de mel, é raro procurarem ferir, agarra o enxame facilmente, logo que as abelhas reunidas

estiverem tranquilas, colocando-lhe por baixo um cortiço ou receptáculo idêntico feito de palha, bem fresco, e internamente untado com mel, sacudindo o ramo e voltando depois o cortiço e pousando-o no chão.

Se, entre as abelhas que caíram dentro, foi a fêmea mãe, toda a colmeia entra logo, estabelece-se definitivamente e começa a trabalhar. Mas se a mestra fica fora, é então necessário recomeçar a operação, pois todas as abelhas correm a juntar-se à mãe fecunda. Se o enxame sai da primitiva colmeia sem fêmea mãe depois de voar durante algum tempo, volta novamente a entrar para sair dali a dias, fazendo o que em aficultura se chama uma falsa saída. Acontece muitas vezes os enxames pousam num alto ramo de árvore, ou se abrigam na cavidade de qualquer árvore ou muro velho como atrás se explicou.

No caso de estar um ramo alto fixa-se o cortiço em uma vara comprida, de altura precisa para chegar ao enxame, e, enquanto uma pessoa conserva assim o cortiço de boca para o ar por baixo do enxame, outra, por meio de uma vara com um gancho na ponta, sacode o ramo, descendo em seguida muito devagar, voltando o cortiço na sua posição normal.

Quando o enxame está em qualquer cavidade, trata-se de abrir uma saída na parte mais elevada do local onde ele se encontra e, por o orifício inferior, que servia de entrada às abelhas, projecta-se fumo até elas passarem todas para o cortiço. Se o enxame está pousado no solo, ou em qualquer saliência próxima dele, põe-se-lhe a colmeia por cima, e as abelhas imediatamente entram todas nela.

Conheça a vida das abelhas e a sua utilidade, através deste semanário.

### Pensão do Eirado

DE José Maria Antunes

Quartos para vários preços, instalações modernas e quarto de banho, etc.



Telefone 65132

Termas de Caldeas

### "David,, Cabeleireiro



Minha Senhora:

Este é o moderno  
salão que deve  
preferir.

Av. Marechal  
Gomes da Costa

1.754-2.º (com elevador)

BRAGA

# TRIBUNA do CONCELHO

## Para as Festas a Santo António

Continuam as manifestações espontâneas de bairrismo a favor das Festas de Santo António, de amarenses ausentes, que lá de longe, na labuta pela vida, jamais se esquecem da sua terra natal e daquela festividade que alguns deles

ajudaram a criar e todos viveram na habitual imponência e originalidade que as caracteriza. É um louvável acto de bairrismo que nós apreciamos dum modo especial.

Seguem os nomes desses patriotas:

### Nome dos inscritos:

Joaquim de Azevedo Macedo, Manaus.	300 cruzeiros
Manuel de Azevedo Coutinho, Rio de Janeiro	150\$00
António de Freitas, Lisboa	100\$00
Manuel de Sepúlveda, Rio de Janeiro	500\$00
António Cerqueira, Porto	50\$00
Fernando Marques, Lisboa	100\$00
Felisberto Barbosa de Macedo, América	200\$00
Fernando A. de Almeida Rodrigues, Bissau	100\$00
David da Silva	30\$00
José A. Ferreira Junior, Nova Iorque	100\$00
Américo José de Oliveira Arantes, Dornelas	50\$00
Abílio da Cunha Alves, Lisboa	50\$00
Arnaldo Vieira de Faria, Dornelas	50\$00
Gualter Rodrigues, Rio de Janeiro	100\$00

## CAIRES

### Festa a S. José

Vai realizar-se no próximo domingo, nesta laboriosa terra de Caires, a festa de S. José Operário — promovida pelos briosos José's, e ajudada pelos artistas desta freguesia que são em grande número, e todos mui devotos deste glorioso artífice e Santo protector das Famílias. Há confesso, Hora Santa, missa solene, Sermão e Procissão, etc.

### Altar de Santo António

Vai ser restaurado, electricado e modernizado este altar, à Igreja Matriz. A Comissão dos Antónios, à qual preside a Snr. António Fernandes e António Lopes, já iniciou os seus trabalhos que tem decorrido bem, pois todos nutrem por Santo António, uma especial devoção. No final das obras, vai realizar-se uma festividade em honra deste glorioso Santo Português.

### Entre nós

Vindo da África, encontra-se junto de nós, na sua quinta do lugar do Paço, o senhor José de Macedo, nosso bom amigo. A Sua Ex.ª e sua dedicada esposa e Família, desejamos umas boas férias e um bem merecido descanso.

### Para a França

No meio da maior tistêza e amargura da parte da sua Família, acaba de se ausentar para a França, o Senhor Alberto José Dias — mestre pedreiro que para lá se dirigiu em procura de uma vida desafogada para o seu sustento e o de sua já numerosa Família. Boa viagem e muitas felicidades

### Aniversários natalícios

Fizeram anos, no dia 5, o Sr.

nhor Manuel Fernandes das Neves, e no dia 7 o senhor Carolino Alberto Vieira — briosos mestres e nossos queridos mordomos. Parabens e que estas datas festivas, se repitam por largos anos.

P. e Calisto Vieira

## Excursão

Inicia-se amanhã a magnífica excursão em confortável autocarro, dos funcionários públicos desta vila de Amares, a qual tem o seguinte itinerário.

Dia 9, partida de Amares, passando por Cerdeirinhas, Barragens, de Salamonde e Venda Nova, Vila da Ponte, Montalegre, Barracão, Chaves (almoço), Vidago, Pedras Salgadas, Vila P. de Aguiar, Vila Real (Jantar e Pernoitar).

Dia 10 partida de Vila Real para S. M. de Penaguião, Régua, Mesão Frio, Amarante (almoço) Marco de Canavezes, Penafiel Paredes, Paços Ferreira, Santo Tirso (Jantar), Famliação, Braga, Amares.

A todos desejamos boa viagem e muita alegria.

## Vida elegante

### Aniversários

No passado dia 5 do corrente, fez anos o Snr. José Joaquim Caldas, pai do nosso delegado em Caracas.

No dia 6 o Snr. Bento Maria de Faria, de Dornelas.

A m a n h ã — O Snr. Paulo Rebelo Barbosa de Macedo.

Quinta-feira — O Snr. António da Costa Martins e o Snr. António Joaquim Cerqueira.

Sexta-feira — O Snr. Domingos José Correia Portela.

## Mútua de Seguro de Gado

Reuniu, no passado domingo, na sede do Grémio da Lavoura, a Assembleia Geral da Mútua de Seguro de Gado, a fim de tomar várias decisões conducentes ao início do funcionamento da mesma Mútua.

Presidiu o sr. dr. Tomás Andrade ladeado pelo sr. D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena, Eng.º João de Vasconcelos e Paulo Barbosa de Macedo sendo tomadas várias deliberações entre as quais nomeara os corpos dirigentes da Mútua, que ficaram assim constituídos:

### Assembleia Geral

Presidente — Dr. Tomás Gonçalves de Andrade.

Vice - Presidente -- José Joaquim dos Santos Mota.

1.º Secretário — Jaime Deocleciano Gonçalves.

2.º Secretário — Agostinho César Correia Peixoto.

### Direcção

Presidente — José Pereira Silva.

Secretário — António de Azevedo.

Tesoureiro — José Joaquim da Costa Azevedo.

### Substitutos

Presidente — Candido José Veloso.

Secretário — Domingos José Pereira.

Tesoureiro — Adelino António Machado.

## Aniversário

Amanhã, Domingo, passa o seu aniversário natalício a Snra. D. Maria Avelina Leite Feixa, professora oficial em Gondomar, Guimarães, extremosa esposa do nosso particular amigo Snr. Carlos Alberto Correia da Costa.

Seu marido e filhos desejam-lhe as maiores felicidades.

## O F. C. do Porto pretende a inscrição do nosso ciclista Albano Ovinha de Araújo

Por ofício recebido esta semana da secção de ciclismo do F. C. do Porto, chegou ao nosso conhecimento que aquele clube pretende assegurar os serviços do ciclista de "A Modelar", Albano Ovinha de Araújo.

Agrada-nos a notícia especialmente pelo que ela representa de honroso para o ciclista referido e por se tratar de uma deferência justa a um corredor de méritos reconhecidos.

Aguardemos que as suas provas agradem e nos seja dado honra de ver um conterrâneo nosso entre os grandes do ciclismo.

### Conselho Fiscal

Presidente — D. Nuno Figueira de Carvalho Daun e Lorena.

Vogal — Augusto dos Santos Mota.

Vogal — Paulo Barbosa de Macedo.

A concentração do gado dos sócios far-se-á, para a sua avaliação, no Largo da Feira Nova, no dia 14 do corrente, às 11 horas, dia da Feira Franca e a Mútua denomina-se «Mútua de Seguro de Gado de Santo António».

Foi ainda resolvido que a taxa de inscrição será de 10\$00, a joia de 2\$50 e combinada a contribuição dos sócios por cada unidade e ainda o pagamento da Mútua nos casos em que tenha de indemnizar os seus sócios nas condições em que os estatutos o exigem.

## Vacinação de Ovinos contra a febre Catarral

Tendo terminado a vacinação nas localidades visitadas pelo Médico Veterinário deste Concelho, pode continuar a fazer-se às quartas-feiras, pelas 9 horas, na sede do Concelho, para o que se avisam os interessados possuidores de ovinos, não sendo necessário voltar a encarecer as vantagens deste tratamento.

## Dornelas

No passado dia 30 de Maio envolveram-se em desordem, nesta freguesia, Silvério Agostinho da Silva, solteiro, Manuel António Dias Vieira, Solteiro e João Pinheiro de Oliveira.

Da desordem resultou que os contendores ficaram feridos.



No passado dia 1 do corrente, passou o aniversário natalício o Senhor Manuel Teixeira, nosso digno assinante, que se encontra ausente no Canadá há 3 anos e que deixou o seu coração preso a esta terra. Fazemos votos de prosperidades e sobretudo de óptima saúde na companhia de sua família.

## Amarenses que regressam

Acaba de chegar a esta sua querida terra, o Excelentíssimo Senhor Frederico Colona, que depois de uma longa estadia no Brasil regressa a ver os amigos. Visitou a nossa Redacção na companhia do Ex.º Senhor Aparício Arantes Rodrigues igualmente ilustre filho de Amares.

Também chegou há dias do Brasil, aonde foi, como noticiamos, tratar de assuntos de seu interesse, o nosso amigo e correspondente, Senhor Luiz Adolfo de Sousa.

## Noticias pessoais

Embarca, hoje, no transatlântico Santa Maria, para Caracas, Venezuela, onde é industrial, o nosso conterrâneo Snr. Américo José de Oliveira Arantes, de Dornelas indo na sua companhia o seu sobrinho, João de Deus Vieira Caldas que vai para junto do seu pai Snr. José Carlos Caldas, nosso estimado delegado naquela localidade.

A ambos desejamos-lhes boa viagem.

## HUMORISMO

### Entre amigos

— És capaz de guardar um segredo?

— Claro!

— Empréstame 50\$00!...

— Podes estar certo que faço de conta que nunca ouvi o que disseste.

### Ai do patrão...

Uma senhora de muito génio despediu o jardineiro. Este, ao sair de casa, encontrou o patrão, a quem disse:

— Ah senhor! senhor, se soubesse quanto me compeço de si...

— De mim? Por quê?

— Porque o senhor ainda cá fica...

### Entre amigos

O nosso gato apanhou o primeiro prémio numa exposição!

— O quê! Um gato tão ordinário e feio...

— Sim! apanhou o canário premiado numa exposição ornitológica, e comeu-o...

## Viagem Presidencial ao Brasil

(Continuação da 1.ª página)

que por encanto, o vasto território do Brasil, que o génio lusitano, pela acção dos seus guerreiros e pela caridade missionária dos evangelizadores, havia de transformar na maior nação latina do mundo, já nesta altura com cerca de 70 milhões de habitantes e com uma projecção sobre o futuro, das mais risonhas e prometedoras.

Aqui, mais do que em qualquer outra parte, poderia dizer-se como Camões:

.....nunca os admirados  
Alemães, Gallos, Italianos, e Ingleses  
Puderam dizer, que são para mandados,  
Mais que para mandar, os Portugueses.

Na defesa do território brasileiro foi posta à prova, novamente, a heroicidade e experiência dos seus guerreiros, mas sobretudo o valor espiritual da raça, que transportou para ali, sem delongas, toda a sua civilização, pondo especial cuidado na preparação religiosa e cultural do povo que lhe era confiado para evangelizar.

Extraordinária missão a do Padre Manuel da Nobrega e, de um modo especial, a do grande apóstolo Padre José de Anchieta, que a par do seu inexcedível zelo evangelístico, se dedicava de tal modo à cultura dos gentios, que para melhor os compreender e com ele os seus companheiros missionários, chegou a elaborar uma gramática do seu difícil idioma.

E não se diga que estes homens selvagens se mostravam sempre tão dóceis como se pintaram, muito poéticamente, na cerimónia da primeira missa do Brasil, em que muitos deles procuraram imitar o gesto dos crentes e ajoelharam ante a Cruz Redentora.

Nem sempre assim fora. Levados a ferro e fogo pelos colonizadores—que não pelos missionários,—logo revelavam os seus instintos selváticos, com todos os requintes da crueldade.

A acção missionária foi excelente antidoto contra o refreamento dos instintos, procurando cativar pela brandura e pela caridade, a simpatia destes gentios que, assim, dócilmente se entregavam e até procuravam refúgio nas missões ou colégios, que foram os centros irradiadores de civilização e do seu crescimento se formaram aldeias, vilas, cidades, estados; enfim, foram os pontos aglutinadores de toda a unidade territorial do Grande Brasil.

Mas em defesa do território que se ia desbravando lá estava também a força das armas, implicitamente intransigente na salvaguarda da fé que se ia dilatando.

Aos inimigos da fé, aos protestantes que procuravam instalar-se nestas terras virgens, respondiam os portu-

gueses com aquele vigor que lhe era próprio e que Camões assim define:

....., ó gente Insana,  
Não faltarão Cristãos atrevidos  
Nesta pequena casa Lusitana.  
De Africa tem marítimos assentos:  
É na Ásia mais que todas soberana;  
Na quarta parte nova os campos ara;  
E se mais mundo houvesse, lá chegara.

Pudemos efectivamente chegar também a esta luxuriante floresta virgem, devassá-la, unificá-la, uni-la na linguagem e na crença, preservá-la contra os inimigos da fé e do império, com «cristãos atrevidos», cujos efeitos sentiram a cada passo os usurpadores. Que o digam franceses e holandeses, especialmente.

E nesta luta de posse, de catequização e exploração de terras virgens, surge também a epopeia do Brasil, novo e brilhante capítulo da história luso-brasileira.

Com mais vigor poderia Camões dizer, ao contemplar a grandeza actual do Brasil:

.....  
Cesse tudo o que a antiga Musa canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

Como poderia com o seu espírito penetrante dar colorido a esse luxuriante refúgio de Venus, Deidades e Nereidas, que ele já havia trazido do Mediterrâneo para o largo Atlântico; como lhe exaltariam a imaginação, os costumes selvagens dos Tupis ou dos Tapuias e de todas as suas ramificações de garridice selvagem; como lhe fariam vibrar a veia patriótica, os maravilhosos feitos dos bandeirantes, que, com denodado esforço e valentia, ora subindo os rios de acesso perigosíssimo, onde deixavam por vezes a vida, ora servindo-se das trilhas das tribos dos gentios para se infiltrarem na selva até às suas aldeias e destas até à floresta virgem, rompendo finalmente estradas, devassaram o seio das regiões inóspitas, mas bem povoadas dos mais ameaçadores perigos!

Como mereciam louvor da tua pena épica todos estes e dum modo especial esses apóstolos que também souberam servir a Cristo e ao mesmo tempo à Pátria, abrandando corações e subjungando vontades incoerentes, com o simples refrigério da caridade, verdadeiros campeões da civilização brasileira, insignes forjadores do rijo e rude carácter dos gentios, na fornalha ardente do amor ao próximo.

Vem a todos cantar,—óh mago da lingua portuguesa!—em flores patrióticas, o esplendor deste Brasil que não pudeste glorificar e que lá do «Assento Etério» contemplas invejoso de não immortalizar com a seiva amorosa do teu sentir, com o engenho inigualável do teu verbo, com a arte inesgotável da tua imaginação criadora de motivos patrióticos, com a tua reconhecida fé nos destinos da Pátria, com todo o teu amor à Raça Lusitana. Como me maldirá—óh gigan-

te da literatura!—por tentar erguer a minha débil imaginação para glorificar este sonho do Brasil que, embora emancipado, a Mãe Pátria, que tão bem cantaste, contempla com orgulhosa ternura por ver ascender às alturas da fama—dessa «vã cobiça, desta vaidade a que chamamos fama!»—que verberaste, mas que no orgulho maternal é legítima.

Vem poeta amoroso, curar com a glória do Brasil, a desolação sofrida e manifesta naquele angustioso «Ao menos morro com a Pátria» que preferiste na derradeira hora, saindo da tua alma despedaçada, por veres a Nação descer os degraus que a levariam à subjugação estrangeira; no magestoso Brasil verás uma obra de gigantes, que ultrapassa todo o teu sonho de poeta enamorado da Pátria!!!

Contempla e canta, como fizeste ao Rei de Melinde, as maravilhas desta Viagem Triunfal ao Brasil, em que Portugal receberá, especialmente no Teu Dia, todos os favores dos deuses, toda a magnificência do estuante patriotismo da raça, que este outro esforçado português, que é General Craveiro Lopes, vem «espalhando por toda a parte», reacendendo o facho da fé patriótica em todos os corações, para que jamais se apague na Família Luso-Brasileira.

E M E

Segue no próximo número:

Reflexões sobre o Descobrimto do Brasil.

### Festas de S.º António

(Continuação da 1.ª página)

tos festivos em que toma parte.

Já estão inscritos 150 figurados para a procissão de Santo António o que nos dá ideia do entusiasmo reinante. O templo, embora grande, deve encher-se para ouvir o Sermão do grande Prelado.

A Feira Franca e o Concurso Pecuário

Tal como nos anos anteriores a Feira Franca realiza-se na sexta-feira organizado pelo Grémio da Lavoura de Amares com valiosos prémios.

Também nesse dia haverá o ajuntamento do gado segurado pela Mútua agora organizada pelo dito Grémio o que tudo deve originar uma reunião numerosa de lavradores com os seus gados.

### CASEIRO Precisa-se

competente, para fabricar uma boa quinta; pensão anual onze carros de cereais.

Lugar de Passos, 61

AMARES

### Tribuna de Vila Verde Julgamento

(Continuação da 6.ª página)

dre de Amorim, os dois primeiros da comarca de Braga e o último da comarca dos Arcos de Val-de-Vez. Advogado de acusação, o sr. Doutor Catalão, de Braga.

O réu Manuel das Neves Rocha, confessou o crime de que era acusado: Furtou 20 meadas de arame zincado, 6 sacos de sulfato de cobre, 2 sacos de centeio, 20 sacos de milho e 2 pulseiras em ouro.

O réu Neves de Sousa, confessou-se receptor dos furtos atrás descritos e o réu Luiz Novo, confessou ter comprado ao réu as duas pulseiras de ouro.

O queixoso declarou ao Ex.mo Corregedor estar lesado em mais de 100 contos, mas pelas declarações do réu que furtou e do réu que recptou, o valor do furto apurado pelo senhor Corregedor, não deve ultrapassar a casa do seis mil e quinhentos escudos.

Depuseram algumas testemunhas de acusação, que pouco adiantaram e por enquanto, o mais importante, é, as declarações dos réus.

A audiência foi interrompida e marcado o seu prosseguimento para o dia 5 de Junho, da qual daremos relato no próximo número.

### Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amares

(Continuação da quinta página)

e assim sucessivamente.

São de salutar incentivo e de grande valor intrínseco e estimulante as operações das Caixas de Crédito Agrícola. Muitos sócios a têm sabido aproveitar, embora em número muito aquém do que era para desejar.

A Caixa está, pois, naturalmente indicada para resolver todos os problemas de crédito da Lavoura que a ela deve recorrer em primeiro lugar:

- 1.º Porque ali, o sócio não pede, pois é um organismo seu;
- 2.º Porque as operações são fáceis e económicas, pois estão isentas de emolumentos e selo;

### ALFAIATARIA "BELCORTE" DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confeciona fatos para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA CORTE ESMERADO e ÓPTIMOS ACABAMNETOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE"

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR—AMARES

3.º Porque o juro é barato e os empréstimos podem ser amortizados ou liquidados em qualquer data sem as onerosas escrituras de quitação;

4.º Porque as suas operações são estáveis, não ficando sujeito a que lhe seja exigido o capital a qualquer hora, depois de haver feito despesas enormes, o que tem causado as maiores ruínas.

5.º Porque ali deve depositar as suas economias, onde lhe é pago o maior juro de todos os estabelecimentos de crédito.

### O novo Conservador do Registo Predial de Braga

(Continuação da primeira página)

Sr. Dr. Elisio Pimenta que em palavras de justo apreço realçou os altos méritos do novo Conservador referindo o prazer com que recebeu a sua nomeação.

O Sr. Presidente da Câmara de Braga falou sobre o Conservadores do Registo Predial que tem passado por Braga, referindo-os com palavras elogiosas, especialmente o sr. Dr. Elisio Pimenta que tanto e tão dedicadamente serviu a cidade de Braga.

O empossado agradeceu mostrando-se sensibilizado e pronto a fazer tudo por manter o prestígio do cargo em que foi empossado.

Todos os oradores foram muito ovacionados pela numerosa assistência que preenchia todo o recinto e se estendiam ainda pela plateia reservada ao publico das audiências.

### Automóvel-Morris Minoir

Vende-se

Em bom estado de conservação

Informa-se nesta redacção

### VINHO

Vende-se

doze pipas no lugar de Passos, 61

AMARES

# Tribuna Desportiva

Final da Taça de Portugal

## A festa final do futebol nesta época esteve fria

A equipa do Sporting de Covilhã não foi tímida, nem sequer cautelosa, quer dizer, não entraram no Jamor com a preocupação de se acantonar na defesa com o contra-ataque na mente.

Procurar tomar na festa o lugar que lhes competia. Mas não há dúvida que a final saiu muito coxa e a festa do futebol resultou fria. Não houve a emoção das grandes finais, que só é possível quando a categoria das duas equipas é igual. O Benfica entrou a jogar como se deve jogar numa final e, segundo de dummies, espiritualmente preparado para um jogo de características diferentes.

Lançou a sua poderosa máquina numa ofensiva tenaz e ao quarto de hora inicial tinha 2 golos de vantagem. Pelo que depois viu, este foi o pior que podia ter acontecido ao jogo. Os dois lances vitoriosos foram numa enofismável vitória dos cinco avançados "internacionais" do Benfica sobre a defesa do Sporting da Covilhã.

Não houve falhas na defesa, mas sim, talento nos atacantes. A verdade, porém, é que o numeroso público ainda estava à espera

que as equipas assentassem jogo. O Benfica já tinha feito alguns bons lances, mas apenas à custa do talento dos seus avançados. À porta do quarto de hora, o Benfica passou a jogar de igual para igual, com toadas de bola cá bola lá e, então, a partida perdeu todo o brilho.

A Covilhã reduziu a diferença para 2-1 e podia ter chegado ao empate, mas foi ainda o Benfica que a cinco minutos do fim consolidou o triunfo com a marcação do 3.º tento.

E assim o Benfica pôde, nesta temporada em que a fortuna esteve do seu lado, adjudicar mais um maravilhoso título ao seu já impressionante palmarés, enchendo de júbilo a sua numerosíssima legião de apaixonados e adeptos.

## Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Amares

(Continuação da 1.ª página)

Foram liquidados 3.906, no total de 22.808.860\$00 e amortizados 2.814, na importância de 5.019.000\$00. Cobrou a Caixa 2.300.701\$27 de juros e restituiu 55.316\$12 de juros ainda por vencer referentes a empréstimos liquidados e amortizados antecipadamente.

Recebeu em depósitos esta Caixa 5.040.432\$50 liquidou 4.210.547\$50 e pagou de juros dos mesmos à lavoura 152.714\$30.

### O que representam para a Lavoura do Concelho

Pode afirmar-se que muitos casais teriam vendidos as suas propriedades se não tivessem podido levantar nesta Caixa os capitais necessários à sua exploração agrícola e ao pagamento das suas honrosas hipotecas, foros e legados.

Nos primeiros anos da sua fundação pagou esta Caixa hipotecas que estavam a vencer o juro de 20%. Só nessa altura, nós, avaliamos bem os sentimentos de verdadeira gra-

tidão da Lavoura pela enorme obra financeira de Salazar, expressos nos róstos desses, que ainda foi possível salvar da escravidão da usura.

Muitos casais foram salvos e muitos outros aumentados devido às facilidades de crédito e a economia das operações da Caixa.

### A sua orgânica ainda desconhecida de muitos

Pagando apenas uma cota de 3\$00 anuais, todo o sócio pode levantar na Caixa, até 50% do valor matricial dos seus prédios, caucionado com abertura de Crédito, 25% com fiança e 30% com penhor de móveis, utensílios, alfaias agrícolas e gado.

As operações do Crédito Agrícola, resumem-se num crédito aberto, que é movimentado por letras ou escritos particulares, representativas da utilização desse mesmo crédito, reformáveis anualmente.

Cada letra ou escrito representa um empréstimo que, embora abrangido pelo mesmo crédito aberto, vence, independentemente, o juro correspondente ao seu prazo.

Todos os empréstimos podem ser amortizados ou liquidados, em qualquer dia útil, vencem o juro de 4,5%, pago adiantadamente, o qual será restituído dia a dia no caso de liquidação ou amortização antecipada, nunca inferior a 10\$00.

Pode pois, cada sócio, mo-

vimentar o seu crédito levantando, amortizando, liquidando empréstimos, apenas com a despesa do simples reconhecimento da sua assinatura.

Pode ainda ter o seu crédito aberto, e nada dever à Caixa, conservando todos os direitos.

Esta é a razão porque esta Caixa tem créditos abertos no montante de algumas dezenas de milhares de contos, não obstante ser de cerca de 3.100 contos o dinheiro colocado actualmente pela Caixa.

### O que as Caixas podem proporcionar, estimulando o desenvolvimento da terra e o aumento do Casal Agrícola

Temos, no entanto, de concordar que a lavoura não tem sabido aproveitar as vantagens que lhe podem advir das operações financeiras com a sua Caixa, que fomentando com os seus capitais o desenvolvimento da terra arável, quer aumentando o casal com a compra de novas propriedades, quer ainda dando ao lavrador caseiro a oportunidade de ter gado seu, deixando de ser escravos tratados.

A Caixa que é, para todos os efeitos, o Banco da Lavoura concelhia, deve ser também o seu mealheiro, pois ali deve o lavrador lançar todas as suas economias, quer para o pagamento de empréstimos concedidos, quer em depósitos à ordem ou a prazo, com vista a nova realização. Esse depósito, os seus juros e um novo empréstimo que a Caixa lhe concede, pode resultar na compra de nova propriedade

(Continua na 4.ª página)

### Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

Folhetim da "Tribuna Livre,, 24

# SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho — Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

—Então que é isso, minha mãe—interrogou o filho.

—É a alegria e a saudade; a alegria por saber que encontraste uma mulher digna de ti e a saudade de nos deixares—atalhou a senhora Maria da Graça.

—Ainda que os meus pais não queiram ir para a nossa companhia, por em quanto, podem ir à nossa casa sempre que queiram e nós, eu e a Maria Teresa, havemos de vir à vossa muitas vezes.

—Assim o queremos e esperamos—disseram, ao mesmo tempo, os pais.

—Bem, agora, se a ceia está pronta, vamos cear, pois ainda quero sair—pediu o filho.

—Está pronta há mais de meia hora e quanto mais nos demorarmos o caldo mais choca...—informou a dona da casa.

O Policarpo, a mulher e o filho foram para a cozinha, onde a senhora Maria da Graça serviu a ceia, que constava de caldo e sardinhas fritas.

A frugal refeição, como são, geralmente, as das classes pobres e trabalhadoras, decorreu num ambiente de alegria, como sempre, pois aquela família, que a pouco e pouco, pelos casamentos, foi diminuindo, era unida por verdadeiros laços de amizade e de amor, dando a impressão de que era constituída por irmãos e não por pais e filhos.

Depois da mãe levantar a mesa, o José despediu-se dos pais com um beijo e saiu, tomando o caminho que levava ao lugar do Monte.

Fazendo o sinal convencional à namorada, esta abriu a porta e foi ao seu encontro.

—Então já é domingo, José?

- Julgo que sim!  
 —Não estás bom da cabeça, ou sonhaste?  
 —Lá a sonhar ando eu, desde que tenho namoro contigo.  
 —Já ceaste?  
 —Já. E tu?  
 —Ah! eu também. Eu com coisas sérias não costumo brincar... e, principalmente, com o estômago!  
 —Fazes bem, pequena.  
 —Que faço bem, sei eu!  
 —Ouve lá, tu já disseste alguma coisa aos teus pais sobre a minha vinda aqui, amanhã?  
 —Ai, não! que não houvera de dizer...  
 Pois eu tenho tanto interesse no assunto como tu!  
 —E como é que eles receberam a notícia?  
 —Eles já andavam desconfiados... mas o que não esperavam é que fosse para tão breve!  
 —E então?  
 —Que tinham muito prazer em receber a notícia por teu intermédio e que te esperavam, por isso, amanhã, de tarde, por volta das quatro horas.  
 —Bem. Da parte dos nossos respectivos pais não surgiu qualquer objecção.  
 —Não surgiu e foi melhor assim, não achas?  
 —Porquê?  
 —Para não ficarem aborrecidos!  
 —Não compreendo...  
 —Pois é muito fácil, a meu ver!  
 —Explica-te.  
 —É que desde que eu e tu quiséssemos não havia objecções, fossem de quem fossem, que se opusessem à realização do nosso mútuo desejo. É assim, ou não é?  
 —É sim, meu amor, mas era melhor que todos concordassem, como concordaram.  
 —Ah! sobre isso não há duas opiniões em contrário.  
 —E tu estás satisfeita com o nosso próximo casamento?  
 —Tu ainda não me disseste para quando era...  
 —Estamos em Maio, no mês das flores, de que és a rainha.

(Continua)

# Tribuna de VILA VERDE

## ESPLENDOR e decadência das filarmónicas

Com a devida vénia, publicamos o artigo de fundo de jornal «O Século» de 19/5/1957:

As bandas de música regionais e populares, outrora tão numerosas em quase todas as províncias portuguesas, têm desaparecido a pouco e pouco, levando as existentes vida atribulada e difícil. Ainda há dias nos caiu sob a vista uma circular da Direcção de uma das mais antigas filarmónicas do

Norte—já pesam sobre ela cento e doze anos—pedindo amparo e auxílio para não morrer de inanição e poder sobreviver às angústias financeiras, a deliciar-se impiedosamente. Sobretudo os fardamentos—exclamava-se nesse grito de angústia e de desespero—estão no fio e constituem uma autêntica vergonha para uma agremiação com as mais honrosas tradições e com inestimáveis serviços em tantos

anos de prolongada e digna vida prestados à arte musical.

Ignora-se o eco suscitado pelo apelo confrangedor naqueles a quem foi dirigido e por certo dele tomaram conhecimento, senão com simpatia, pelo menos com a aparente indiferença susceptível de todas as interpretações. Boas ou más, pouco importa. A banda velhinha assim caída em dolorosos apuros monetários tem a sua sede na Vila de Ovar e dela têm feito parte desde a sua fundação, datada de 1.800, músicos distintos e pessoas das mais categorizadas e de maior relêvo naquela cidade, activa e progressiva localidade, onde não faltam pessoas ricas com amor à sua terra e sempre prontas a servi-la e a aumentar-lhe o prestígio quando as circunstâncias lhe empõem o cumprimento desse dever.

Confrange, na verdade, ver assim decair uma agremiação vinda de tão longe e com um passado tão brilhante e tão digno de respeito e de veneração. Deixá-la desaparecer seria desmentir sentimentos cuja presença na criatura humana é indispensável por serem a revelação de uma moral eterna. É certo viver-se numa época de amargo egoísmo, à sombra do qual se praticam actos perigosos e comprometedores da ordem social, cuja defesa a todos pertence. Mas porque não há-de mesmo esse egoísmo materializado abrir na sua marcha ascensional certas clareiras, em que a benevolência, a filantropia, e auxílio mútuo, o desprendimento de valores materiais mínimos se mostrassem em toda a sua beleza espiritual e em todo o seu espendor?

Não é, porém, única a situação angustiosa da Banda Velha de Ovar. Outras existem sofrendo dos mesmos males, lutando com as mesmas dificuldades, fazendo o possível e o impossível para resistir à adversidade, a sacudi-las por todos os lados. Dir-se-á ter passado o tempo propício à existência desses agregados musicais ajuizado pelo povo por serem deles que lhe levavam nos dias de romaria ou de festa dos oragos paroquiais e dos santos da sua devoção um pouco dessa alegria salutar e renovadora indispensável a todo o ser humano, por mais desgraçado e mais miserável que seja.

Sem se saber porquê, sem motivos evidentes e convincentes a justificá-la, criou-se contra as filarmónicas rurais uma espécie de perseguição, ante a qual muitas têm lamentavelmente naufragado. Foram proibidas de tomarem parte preponderante em certos actos, outrora inconcebíveis sem

a sua presença. Isso trouxe em resultado a redução e a pobreza dos seus orçamentos, o abandono da arte justificativa da sua existência, o termo de uma acção educativa notável, o fim de focos de cultura artística rudimentares quase sempre, é certo, mas de uma utilidade flagrante. Chegava a ser enternecedor ver seguir para os ensaios, mal fragada a parca e frugal refeição da noite, cavadores extenuados por um dia de trabalho e pelo manejo de uma enxada de seis arrátéis do nascer ao pôr do Sol.

Um país sem arte, sem o amor pelas coisas belas, sem a paixão, ou, pelo menos, o gosto da música nunca pode ser merecedor do apodo de civilizado. Ora as filarmónicas locais eram centros artísticos preciosos, nos quais a arte dos sons, talvez a mais emocionante de todas, era cultivada quase com religiosidade para nos dias de festa, nos arraiais ou nas procissões, o ar se encher com as estridências das marchas excitantes enquanto os foguetes estrelavam e a gente moça vinha para a rua saudar a música, acabada de chegar. Depois, aqueles músicos rústicos e bárbaros, enquanto cultivavam, à sua maneira, a divina arte não iam para as tabernas embriagar-se nem armavam desordens, bastas vezes com o seu epílogo nos cemitérios e nas cadeias.

As filarmónicas, com os seus metais e faiscas os seus luzidos fardamentos, nunca foram tão perniciosas como nos últimos tempos se tem querido fazer crer. Eram, pelo contrário, fontes de educação e de disciplina, de respeito pelos superiores, de confraternização sábia, de apuramento

## Julgamento

No tribunal desta comarca, começou no dia 22 de Maio p. o p. o, o julgamento, em Tribunal colectivo, de Manuel das Neves Rocha, José das Neves Sousa e Luiz Novo implicados num furto ao sr. Francisco Fernandes Dias, comerciante em Portela do Vado, do concelho de Vila Verde.

O tribunal era constituído pelo m. o Corregedor Dr. Francisco de Azevedo Soares, tendo como assessores os m. os Juizes Dr. João Gonçalves Dias, proprietário do lugar e Dr. Armando Barbosa da comarca de Braga; Delegado do Ministério Público Senhor Dr. Alexandre Herculano Martins da Costa; Escriurário José Soares Lago e oficial de diligências Carmo Loureiro.

Patrão do réu Sousa, sr. Doutor António José da Costa; Patrão do réu Rocha sr. Doutor Jaime de Lemos; Patrão do réu Novo, sr. Doutor Alexan-

(Continua na 4.ª página)

mental e espiritual. A música lapidava um pouco aqueles corações endurecidos pela vida, criava-lhes novas exigências culturais e a alguns abria caminhos que sem a sua influência ficariam fechados para sempre. Há quem accuse as filarmónicas de nas romarias e nas festividades de aldeia darem azo a abusos, atentatórios dos bons costumes e da moral social.

Deve haver exagero nessa acusação. Mas, admitindo a autenticidade de semelhante arguição, não se deve atribuir às filarmónicas as responsabilidades a outros pertencentes. Bandas e grupos musicais populares há-os em todos os países cultos. Quem alguma vez tiver andado por esse Mundo em cata de hábitos e de tradições diferentes dos seus, há-de ter ficado atônito com a profusão de agrupamentos musicais vindos aos domingos para a rua para divertirem as multidões e derramarem um pouco de alegria onde a melancolia e a tristeza imperem. E há-de também ter admirado o entusiasmo com que o povo acolhe esses modestos cultores da música viva, que descem até ele para o alegrarem e para o divertirem.

As filarmónicas portuguesas atravessam uma época de crise a reclamar medidas capazes de a atenuarem quando não possam pôr-lhes fim. Não é apenas a Banda Velha de Ovar a necessitar de amparo e patrocínio. Não será ela a única cujos fardamentos sejam uma vergonha, sem poderem renová-los por falta de dinheiro. Há-de haver outras em circunstâncias idênticas. A todas é preciso acudir. A todas se torna indispensável e urgente garantir a existência. Abandoná-las à sua sorte é acto de egoísmo e de ingratidão. Persegui-las e contribuir para a ruína de uma arte tão entranhada na sensibilidade do povo que não se afigura possível desenraizá-la. O que se empoe é cercar de garantias a sua existência. Essa é a função prestimosa das localidades onde elas ainda existem. É de desejar e de esperar que a cumpram.

## Nota ao artigo transcrito do século

—Bem haja, Sr. Director, pelo seu carinho dispensado às filarmónicas civis do país. Oxalá que as suas palavras sejam ouvidas pelo Ex. mo Senhor Ministro da Educação Nacional, a fim de auxiliar aquelas instituições de cultura popular, que atravessam horas de amargura para se equilibrar.

N. R. —No próximo número publicaremos uma carta escrita pelo Senhor Doutor António Ribeiro Guimarães, presidente da Direcção da Sociedade de Educação e Recreio de Vila Verde, ao Senhor Director do Jornal «O Século».

## MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

com canudos de pau, e de metal, folles e armações, se retirarão pelas 5 horas da tarde com esta condução.

No mesmo dia 13, forão pela manhã duas cargas com gaitas e mais apetrechos de Orgão, e o condutor das cargas é o Bernardo de Sousa, filho de Francisco da venda de Goães, que presentemente tem venda em Bouro no sitio do Terreiro, e caza da Maria da Sobreira v. a que ficou do cirurgião Leonardo.

No mesmo dia vierão 10 mulheres mandadas pelos referidos mesarios para levarem os Canudos de metal maiores da ponteira do Orgão, e com efeito fizeram a mesma condução, tendo duas mulheres a cada canudo, p. a não serem amaçados—aliás as mulheres forão carregadas com as guarnições douradas do Orgão e os canudos foram em carros.

(Continua no próximo número)

## RECORTES

SECÇÃO DE ODECAM

## DUAS PÁTRIAS

Por Albino de Souza Cruz

Duas pátrias eu tenho: e cada qual mais bela!  
O meu amor a esta exalta o amor àquela.  
E nem isto pareça estranho ou maravilha:  
Na filha amar-se a Mãe, na Mãe rever-se a filha  
E mais: sendo dos dois a nobre Pátria-mãe,  
A linda Pátria-filha é minha irmã também.

Por mistério de amor (talvez saudade dela  
Em alma e sangue herdada...) um dia, para vê-la  
Rompi à vida e ao mar. Como ainda me lembro!  
Meio século ao certo; a meio de Novembro.  
Deixara a Pátria-mãe em seu outono augusto;  
A filha eu a encontrei, alçando o grácil busto  
Em pleno encanto, anseio e ardor primaveril.  
Eu partira, eu cheguei... Portugal e Brasil.

Outras montanhas vi. O chão não era o meu;  
Mas tão risonho e amigo, até me pareceu  
Conhecido de há muito. A mesma boa gente,  
As tradições, a fé; depois cantante e ardente,  
A mesma língua. Enfim: qual se Lisboa e Minho,  
Junto ao mar, no sertão, fizessem outro ninho.

Era feliz. No entanto, eu sei, como ninguém,  
O que é mesmo entre irmãos—lembrar a doce Mãe  
Em saudades, em dôr... E, para a ver, partia.  
De lá outra saudade imensa me sorria.  
Tornava. E assim levei o tempo e a vida:  
Tôda a minha alma, inteira, em duas repartida!

Duas Pátrias, em mim, e cada qual mais bela!  
No amor que tenho a esta exalto o amor àquela.

No coração as vejo, e—nas duas pupilas  
Fazendo um só olhar,—já não sei distingui-las.

Uma foi o meu berço. E só Deus sobe ao cúmulo  
Dos dias, qual será, qual há-de ser meu túmulo.